

Madeira

Jazz na encosta num festival de fazer inveja

Xôpana Jazz

Choupana Hills Resort & Spa
Funchal, Madeira
Todos os concertos com casa cheia

5 de Setembro

★★★★★

Steve Swallow / Ohad Talmor / Adam Nussbaum

★★★★★

Julian Arguelles Quartet featuring André Fernandes

6 de Setembro

★★★★★

Maria João e Mário Laginha featuring Julian Arguelles

★★★★★

Enrico Rava Generations

Maria João e Mário Laginha, renovados e em noite de grande inspiração, brilharam num festival que integrou grandes nomes do jazz internacional num cenário de cortar a respiração.

Ainda jovem, mas com uma maturidade de organização e programação de fazer inveja a muitos festivais já consagrados, o Xôpana Jazz apresentou este ano a sua 2ª edição. Localizado no cimo das encostas que se erguem do Funchal, o festival afirmou-se pela melhor das razões - a música. Ficam de parabéns Paulo Barbosa, programador do festival e habitual colaborador do PÚBLICO, e toda a estrutura do Choupana Hills.

Depois de um primeiro dia a que não pudemos assistir, e no qual actuaram o trio de Bruno Santos e o quinteto de David Binney com o convidado Mark Turner no saxofone, foi a vez de Steve Swallow abrir o segundo dia do festival com uma actuação surpreendente e particularmente vibrante.

Swallow, músico consagrado que construiu a sua carreira essencialmente ao lado de Carla Bley, fez-se acompanhar por um duo de excepção: Ohad Talmor no saxofone tenor e Adam Nussbaum na bateria. Os três músicos estiveram em grande nível, embora, pelas características do instrumento que toca, Talmor se tivesse destacado um pouco mais. O saxofonista, que já tinha ouvido por diversas vezes, apresentou-se aqui com uma eloquência e um controle de timbres bem mais impressionantes do que em qualquer outra ocasião. Talvez por ter como secção rítmica um mestre absoluto no baixo eléctrico e um baterista que fez história em combos modernistas ao lado de nomes como David Liebman ou John Scofield. Talmor utilizou ainda, num tema apenas, uma flauta de madeira, introduzindo um ambiente orgânico que contrabalançou de forma eficaz o



Maria João

carácter electro-acústico de toda a actuação.

Na segunda parte, apresentou-se o quarteto de Julian Arguelles,

um talentoso saxofonista britânico com grande notoriedade em Portugal, um pouco devido às suas habituais colaborações

com Mário Laginha. Num grupo que mais parecia o quarteto de André Fernandes, pela habitual exuberância improvisacional

do guitarrista e por se tratar de uma secção rítmica com a qual Fernandes está naturalmente à vontade, Arguelles poderia ter-se revelado um pouco mais incisivo, particularmente nas improvisações. Apesar de uma certa homogeneidade ao nível das dinâmicas, a excelência instrumental de Arguelles e a habitual eficácia de Bernardo Moreira no contrabaixo e Alexandre Frazão na bateria proporcionaram um concerto de grande nível.

Bem melhor esteve Julian Arguelles no dia seguinte, como convidado da dupla Maria João e Mário Laginha. Em noite de superior inspiração, Maria João, radiante, e Laginha, fulgurante rítmica e melodicamente, contruíram o melhor set do festival. Talvez por terem recentemente feito uma "pausa" neste projecto comum, desenvolvendo projectos que ambos assinam em nome próprio, os dois músicos surgiram renovados, com um foco e calma que já não lhes reconhecíamos há algum tempo.

Outro factor que nos parece favorecer a música deste projecto é a interpretação de canções tradicionais, *standards* de jazz, algo em que Maria João é exímia, tendo deixado a audiência, literalmente, de boca aberta com a sua interpretação de *I've grown accustomed to her face*, neste caso renomeada como *I've grown accustomed to his face* e dedicada com carinho por João a Mário Laginha. Emoções ao rubro que se transmitiram a toda a banda, induzindo *performances* de grande nível de Arguelles e, novamente, Bernardo Moreira e Alexandre Frazão.

A fechar o festival, esteve o projecto Generations de Enrico Rava, banda que o trompetista mantém com músicos mais jovens, escolhidos entre a nova geração de jazzmen europeus. Mauro Negri no saxofone e clarinete, Giovanni Guidi no piano, Stefano Senni no contrabaixo e Fabrizio Sferra na bateria, acompanharam o trompetista num concerto desequilibrado que teve momentos sublimes, particularmente quando Rava soava o seu trompete, intercalados com outros não tão conseguidos. Da nova "generation", soaram mais inspirados Senni, autor de um fabuloso solo de contrabaixo, e Guidi, irreverente e com uma imaginação ao nível do melhor jazz europeu.

Rava é um dos músicos de topo a nível mundial, e a disponibilidade que mantém para um projecto deste carácter é absolutamente extraordinária.

Rodrigo Amado

O P2 viajou a convite da organização do festival Xôpana Jazz